

APRENDER

INOVAR



DIVULGAR

COLABORAR



CONSELHO
NACIONAL DE
EDUCAÇÃO

INOVAR

APRENDER



DIVULGAR

COLABORAR



CONSELHO
NACIONAL DE
EDUCAÇÃO

2025

Título

DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender-2025

Direção

Domingos Fernandes, Presidente do Conselho Nacional de Educação

Coordenação

Domingos Fernandes
Ana Sérgio

Organização

Ana Sérgio
Aldina Lobo

Revisão de texto

Assessoria Técnica e Científica

Apoio à coordenação

Cristina Brandão

Apoio administrativo e financeiro

Paula Barros
Sofia Vicente

Expedição

Ana Estribio

Autores

Vários

Os textos publicados e as respetivas imagens são da responsabilidade dos autores, não refletindo necessariamente a posição do Conselho Nacional de Educação.

Editor

Conselho Nacional de Educação (CNE)

Design gráfico

Providência Design

Impressão

Greca – Artes Gráficas

Tiragem

500 exemplares

1.ª Edição

Março de 2026

ISSN

2975-9951

ISSN Digital

2976-0569

Agradecimentos

O Conselho Nacional de Educação

Agradece a todos quantos deram o seu contributo para a presente publicação, a título individual ou institucional, designadamente:

aos biografados Ana Antunes, Jorge Teixeira, Anabela Soares, Paulo Macedo e respetivos participantes. A saber, diretores, ex-diretores, equipas de direção, professores, alunos, ex-alunos, pessoal não docente e encarregados de educação;

ao Agrupamento de Escolas Ferreira de Castro, Mem Martins, e ao Agrupamento de Escolas de Santa Comba Dão, em particular às equipas de direção, ao pessoal docente e não docente, aos alunos, encarregados de educação e coordenadores das estruturas de gestão intermédia;

ao designado “Júri de avaliação de propostas de textos para a publicação periódica DICA 2025 [segunda parte, Vivências]”, composto por Amélia Lopes, Joana Batalha, Paula Queirós e Ana Sérgio;

aos presidentes, comissários ou coordenadores do Plano Nacional das Artes [PNA] da Rede de Bibliotecas escolares [RBE], da Associação Portuguesa de Educação em Ciências [APEduC], da Associação Portuguesa de Educação Musical [APEM], da Associação Portuguesa Cantar Mais [ACM], da Associação Nacional de professores de Educação Visual e tecnológica [APEVT] e ao Núcleo Interativo de Astronomia e Inovação em Educação [NUCLIO].

A todos agradecemos o compromisso, o empenho e o diálogo mantidos com o Conselho Nacional de Educação, nas diferentes etapas do processo, o que permitiu chegar à terceira publicação do projeto DICA: Divulgar, Inovar, Colaborar, Aprender-2025.



PERCURSOS DICA



Ser especial é ser assim

Aldina Lobo e António Dias

Trabalho experimental, inovação e cidadania

Ana Sérgio e Maria Plantier

Síntese

O interior não é inferior

Aldina lobo e Isabel Oliveira

Cultura, equidade e autonomia em Tomar

Adélia Lopes e Ricardo Oliveira

Síntese

Onde nasce o voo: saberes que libertam, aprendizagens que transformam

Adélia Lopes e Ana Sérgio

Compassos de aprendizagem

Conceição Gonçalves e Ricardo Oliveira

Síntese

Síntese Percursos DICA

SER ESPECIAL É SER ASSIM

ALDINA LOBO
ANTÓNIO DIAS

Fotografia de Ana Paula Antunes



“Dar a mão a alguém sempre foi o que esperei da alegria.” Clarice Lispector

Balancear firmeza com afeto

Sara, Rui, Marta, Sérgio, Gil, Isabel¹... nomes que ficam gravados no primeiro contacto com a professora Ana. Nomes rasos de água, rasos de risos, transmitidos com a emoção de quem vive as suas próprias vidas. Nomes, vidas e pequenas conquistas, especiais, cravados nos sonhos da professora, mesmo oito anos após a separação definitiva. Quem vive assim não é apenas uma professora de educação especial, é ela própria uma professora especial.

Ana trata os seus meninos como cidadãos de pleno direito. Todos! Os que estão no espectro do autismo. os hiperativos com défice de atenção, os aparentemente saudáveis, os que carregam consigo doenças incapacitantes e limitadoras, por vezes mesmo muito limitadoras, e os que não as carregam. A síndrome de Angelman, multideficiência, com ou sem paralisia cerebral, perturbações específicas da aprendizagem, ao nível da dislexia disortografia ou disgrafia, são exemplos de problemáticas raras ou mais comuns com que tem de lidar. Acredita que todos somos especiais, todos conseguimos fazer um pouco mais, todos temos necessidade de atenção e de apoio – “eu não sei qual é o máximo potencial enquanto não o explorar. Então, vou indo com o que eles conseguem responder. Se conseguem responder, passamos para o patamar seguinte e vamos indo até ao máximo que eles conseguirem dar” (E2).

Esta sua convicção condu-la a duas atitudes amplamente reconhecidas e acarinhadas: ora carrega consigo o afeto das mãos dadas, por eles e com eles, num transbordar de alegria, empenho e envolvimento, ora exige a todos o exercício para o cumprimento das expectativas, com o mesmo extravasar de entrega, perseverança e alegria, dela e dos outros, num equilíbrio contagiante.

Estar de mãos dadas com os meninos, literalmente, acontece sempre que quer que participem das mesmas atividades da turma. É para dançar? Então, coloca a Marta ou a Sara no centro da roda e com elas, mesmo em cadeira de rodas, faz os movimentos possíveis. O grupo vai à natação? Então, o Rui e o Sérgio, com as devidas precauções e segurança, seguem-lhes os passos e entram na água.

Vão com a sua ajuda, com a convicção dos pais, com o apoio de uma assistente operacional, com a cumplicidade dos colegas que os acarinhos e incitam a conquistas mínimas, aparentemente. Na realidade, a felicidade que transmitem denuncia conquistas gigantes, para estas crianças, para os pais, para todos os que as rodeiam. Vem desta alegria contagiante a toda a comunidade, o facto de se unirem pelo bem-estar e pela aprendizagem do possível, de cada criança.

Acontece que Ana tem consciência da efemeridade destas aprendizagens quando não são continuamente exercitadas. Por isso, a perseverança e a resiliência que demonstra perante os outros, para consigo e perante as próprias crianças, arrebatando tudo o que conseguem dar, em prol da sua capacidade de comunicação, é uma das lutas diárias, nomeadamente em período de férias, salvaguardando que o treino continua em casa. Ana vive em busca deste equilíbrio entre a firmeza e o afeto.

"o facto de ser exigente e ao mesmo tempo contrabalançar ali com os afetos, acho que são coisas que eles percebem. A professora é chata, quer isto e isto e que faça isto e que faça isto, mas também percebem que é para o bem deles, porque também percebem que eu gosto deles" (E2)

¹ Todas os nomes próprios são fictícios, à exceção da professora Ana Antunes.

Uma sua irmã, *pequenota* em Peniche, como veremos a seguir, é agora também ela professora de educação especial, tal como as amigas de Ana, tal como a ex-aluna Dora, que entrou em 2025 para o mesmo curso. Estão todas no Alentejo. Confirma-se o reconhecimento da sua excelência profissional (por prémios que tem ganho e por convites que tem tido, nomeadamente a sua passagem pela Comissão de Proteção de Crianças e Jovens de Portel) e a influência, subtil e assertiva, que exerce sobre outros que a rodeiam.

É um exemplo, em termos profissionais, de boas práticas, de tudo aquilo que se faz como deve ser feito. Acho que para sermos professores de educação especial, especiais, temos de nascer com vocação. Isto não se aprende nos livros, nasce connosco, é transmitido, se calhar, pela educação que temos. Mas, ela é, para mim, a mais especial de todos, porque tem um coração do tamanho do mundo. Eu sou, assim, um bocadinho mais desconfiada; ela não vê maldade em nada e atira-se de cabeça às coisas e defende até aos limites os seus alunos, as suas convicções e as suas ideias. É muito positiva, é o sol das nossas vidas e foi ela também uma das responsáveis por eu estar onde estou hoje. (Elrmã)

Eis um testemunho que nos faz imaginar um pouco do seu enquadramento familiar. De resto, apenas o *Caranguejo Mole – Dez anos de Poesias e Crónicas*, a sua própria antologia poética, revela um refúgio seguro e retemperador de forças.

**“Há dias assim...há dias que nos pintam a vida
em tons de cinzento, quase negro. (...)
Até que o arco-íris se pendura de novo,
no nosso pescoço, como um cachecol que nos
devolve as cores da vida”** Ana Antunes

No encalce do conhecimento

Apesar do que fica dito, o ensino não surgiu como uma paixão, antes como um amor que se foi fortalecendo à medida que o *gap year* lhe ia desvanecendo as indecisões. A ajuda no salão de estética da mãe com vista para a escola primária da irmã e, sobretudo, o apoio que a professora lhe solicitava para facilitar as aprendizagens da *pequenota* fizeram-na descobrir, aos 18 anos, a sua vocação “quando eu cheguei ao final daquele ano... ‘É isto que eu quero! É isto que eu vou fazer! Tinha decidido. E pronto, concorri para Évora e fiquei!’” (E1). Concorreu ao bacharelato para professora de 1.º ciclo do ensino básico (CEB). Foi de Peniche para a Universidade de Évora. Formou-se em 1992 e, apesar de sentir a falta do mar, não mais saiu do Alentejo: Redondo, Mora, Estremoz, Évora, São Manços, Vera Cruz, Santana, Oriola, Portel... são muitos os espaços que (en)formaram Ana. Mas Portel é, de facto, o seu espaço de referência. Parece ter chegado ao sítio certo no momento certo. Atualmente, desempenha funções na EB1 Rossio de São Brás, Agrupamento de Escolas Gabriel Pereira, em Évora, no grupo de recrutamento 910.

A vocação que descobriu e o amor pela profissão continuaram em crescendo. Foi professora titular durante alguns anos. Aproveitou depois a oportunidade oferecida pela criação do Curso de Estudos Superiores Especializados (CESE) para, com outras quatro antigas colegas, licenciar-se e fazer a especialização. Dedicou-se à educação especial, depois de ter lidado com alunos com vivências muito complexas do ponto de vista socioeconómico e cultural, “com miúdos, com histórias de vida muito difíceis” (E1). O apoio externo esporádico (e consequentemente pouco consistente) não parecia resultar.

O CESE, curso desejado e com excelentes professores, a vida em Portel, pequeno e peculiar meio que lhe abriu as portas de acesso às condicionantes das famílias, aliado à sua característica humana, de pessoa motivada e exigente, levaram Ana a construir “esse seu profissionalismo, essa sua carreira profissional. E como conhecia bem o contexto social, económico e cultural das famílias, ela conseguia ajustar a intervenção que fazia com as crianças” (EEx-diretor). Começou aí a constituir-se como pessoa de referência no âmbito da educação especial. A passagem por Portel – território e comunidade de aprendizagem – foi fonte de enriquecimento e de prazer, até que a vida familiar lhe trocou as voltas.

O Agrupamento de Escolas de Portel, criado em 1991, viveu as primeiras experiências de territórios educativos, englobando, pela primeira vez, a educação pré-escolar (EPE) e o 1.º CEB. Instituiu-se uma área escolar em Portel. A cultura organizacional do agrupamento era muito forte. E aí, “verdadeiramente, as pessoas sentiam-se parte da organização” (EEx-diretor). Ana chegou nesta altura, quando a escola criava uma dinâmica muito própria, com um Departamento de Educação Especial. Além disso, pelo facto de viver naquele meio, conhecia as famílias e os seus contextos, conhecia os serviços locais. O meio facilitava-lhe o “acesso e, portanto, criavam-se sinergias muito fáceis. E como ela era mesmo muito boa profissional, centrava sempre as coisas nas crianças, nos alunos” (EEx-diretor).

À aprendizagem com estes incidentes críticos (o curso, a residência na pequena vila e a inserção no contexto inovador do agrupamento), adicionada à sua forma de ser e à sua relação com pessoas especialistas na matéria, Ana junta a formação contínua de que vai tendo conhecimento e especialmente a que procura em função das necessidades do momento. Sobre a formação é muito crítica e seletiva.

Faço cada vez mais aquela de que sinto necessidade para a minha intervenção. No sentido das questões da aprendizagem da leitura e da escrita, da consciência fonológica. E depois esta área dos autismos também é uma área que me interessa. Fiz dois cursos de yoga, há uns anos, yoga para bebés e crianças e yoga para crianças com necessidades educativas especiais. Porquê? Porque senti necessidade. Tinha um miúdo, o Rui, com paralisia cerebral e muitas das atividades de Educação Física que eram desenvolvidas em contexto de turma (...) tinham a ver com jogos coletivos. Era um miúdo que tinha espasticidade nos membros. Também em termos cognitivos tinha limitações muito severas e estava em cadeira de rodas. Apesar de eu conseguir, muitas vezes, adaptar algumas atividades, no caso dele, sentia que precisava de outras coisas mais, em que pudesse intervir sem o magoar, porque as circunstâncias de saúde, eram muito condicionantes, e há sempre alguns receios. Consegui fazer muitas atividades com ele e até com alguma colaboração, porque havia sempre um colega ou outro, aqueles que naquele dia não podiam fazer a aula, por algum motivo. Então, eu fazia sempre com que colaborassem comigo e com ele e fazíamos uma série de posições de yoga e atividades de extensão para ajudar a diminuir a espasticidade. Ou seja, as formações que eu vou fazendo são sempre neste sentido, de poder dar alguma coisa aos alunos. Por exemplo, o ano passado inscrevi-me numa formação, por causa da Isabel que tem surdez moderada. (E2)

Também se congratula com a participação num encontro no contexto da síndrome de Angelman, aonde foi acompanhada pela Marta e pela mãe. Considera que as ações, atividades, atitudes têm de fazer sentido, tem de haver um propósito para, sem tibiezas, se avançar e alcançar os objetivos do momento. As emoções conduzem-na por esse sentir.

Entrega incondicional

Ao falar do seu trabalho, da forma como procura materiais, os mobiliza e adapta, os olhos de Ana brilham. Empolga-se com a mesma determinação com que relembra histórias vividas, concursos ganhos, conquistas concretizadas. Ana envolve-se com o que faz, de forma despretensiosa, de coração aberto. Envolve os outros também, mobiliza, discute e, em conjunto, procura respostas para os múltiplos desafios com que se confronta.

“O coração está lá com todos”

(ECoordenadora Estabelecimento)

Acredita nas inúmeras possibilidades de os viver: com os afetos, com a constante adaptação de materiais, com a participação em projetos, com a mobilização e criação de recursos, que facilitem a vida dos alunos com mais dificuldades, com a certeza de que conseguem fazer, fazendo. É por eles que age e procura superar as dificuldades, acreditando na sua evolução. “Eu acho que quando nós gostamos do que fazemos, também é outra coisa que é muito determinante. E eu gosto imenso daquilo que faço e do trabalho que desenvolvo com os miúdos. Poder ajudá-los, poder vê-los evoluir” (E2).

A entrega da professora é notada por muitos: referem a alegria dos miúdos quando a reveem, mesmo depois de deixarem a escola, os pais aludem à colaboração, os pares falam da presença assertiva nas reuniões, dos pedidos de reuniões, do acompanhamento dos alunos para lá da sua passagem por esta escola. A maioria dos testemunhos revelam admiração pelo compromisso na busca de respostas, como traço fundamental do que faz, “eu acho que ela faz tudo com muito amor e muita dedicação.” (EEncarregado de Educação1), permanentemente em prol dos seus alunos. “É muito assertiva a defender os interesses dos alunos com quem trabalha. Há sempre ‘porque eles precisam disto’, ‘porque agora já devia haver não sei quê’, ‘então, quando começa?’ Há sempre uma vontade dela de mobilizar recursos para dar resposta” (ECoordenadora da Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva, EMAEI).

Manifesta dedicação e determinação, porque almeja melhorar as capacidades das crianças. Apela à mobilização dos outros alunos. Quer que falem com elas, que brinquem com elas. O mesmo acontece quando luta por recursos, humanos e materiais. No caso do Gil, a mãe conta que foi a professora que contactou o Centro de Recursos para a Inclusão, pediu para o aluno ser avaliado e, nessa sequência, vieram materiais que permitiram um trabalho que Ana empreendeu e em muito ajudaram o Gil a desenvolver funcionalidades. “Posso dizer que foi o ano em que o Gil apresentou mais trabalhos (...) e sei que ele é muito difícil” (EEncarregado Educação2). Também uma colega reagiu no mesmo sentido: “eu acho que se dedica muito. Principalmente na leitura e na escrita, ela dedica-se muito. (...) E depois também o trabalho connosco” (EP1). Este dedicar-se intensamente, inúmeras vezes ouvido, conflui sempre nos interesses dos alunos. A ex-aluna Dora, resume a sua entrega e o seu profissionalismo: “Caminha [de mãos dadas]. Pelo menos a experiência que eu tenho daquilo que conheço dela e das pessoas que falam dela, caminha com os alunos de mão dada, sim. Com os alunos e com as famílias” (EEx-aluna).

“Caminha [de mãos dadas]. Pelo menos a experiência que eu tenho daquilo que conheço dela e das pessoas que falam dela, caminha com os alunos de mão dada, sim”

Os contactos com as famílias estendem-se para lá do *timing* em que era pressuposto a professora acompanhar as crianças. Mesmo fechada a escola, continua a relacionar-se com os alunos e as famílias. Mesmo concluído o 1.º

CEB, segue o percurso dos miúdos e continua a apoiar os seus pais. Estes têm disso consciência e falam do sentimento de segurança: “fala com toda a gente, transmite-nos segurança a nós e (...) diz-me: ‘Se houver alguma coisa e se está um bocadinho mais receosa de falar, porque não conhece as pessoas, diga-me que eu faço’” (EEncarregado de Educação2).

Confiança e segurança é algo sentido por todos os intervenientes, nomeadamente pelas assistentes operacionais: “e já tinha visto que podia confiar muito nela. É que a professora Ana é uma pessoa que, para além de dar muita segurança aos pais, acaba por também dar segurança aos assistentes operacionais” (EEncarregado de Educação2). A articulação é para si crucial. Quando os pais não estão em sintonia consigo da forma esperada, sente-se triste. Já teve alguns casos de pais não colaboradores. Mas a maioria colabora e faz os *trabalhos de casa* que lhes pede, para que, nas pausas escolares, os alunos continuem a desenvolver competências. Pede que participem, por exemplo, fazendo exercícios, ouvindo as crianças a ler, repetindo atividades de rotina.

Transmite aos outros a ideia de que se devem encarar os obstáculos como degraus. E insiste. E resiste. A sua resiliência foi descrita pela coordenadora da Equipa Multidisciplinar de Apoio à Educação Inclusiva: “ela não descredita. Ela vai sempre explorando, mas sem aquela questão que ela poderia colocar a si própria: ‘a partir daqui ele já não consegue.’ (...) Ela explora, acreditando” (ECoordenadora EMAEI).

O papel e a importância dos assistentes operacionais são por si evidenciados. A docente afirma que existe esta mais-valia, muitas vezes desprezada; porém, podem constituir um recurso especializado. Naturalmente, precisam de ter sensibilidade para as situações da educação inclusiva e de ter sempre a orientação da docente de educação especial, para um trabalho colaborativo, de entreajuda. Por outro lado, acautela-se com a existência de docentes que não encaram bem a presença destes profissionais na sala de aula. Fala de mudança de mentalidades.

O trabalho de Ana desenvolve-se, assim, em múltiplos caminhos, em estreita colaboração com os pais, com as assistentes operacionais, com os outros alunos, com as professoras titulares, enfim, com a escola. Visa garantir o sentimento de pertença, o bem-estar aos alunos, à medida que investe no seu desenvolvimento e na sua inclusão, proporcionando-lhes uma participação o mais ativa possível, na escola e na sociedade. Ana desafia-se a si própria e aos outros.

Na razão desta atitude, encontra-se uma certa inquietude, conceito que surge algumas vezes quando os pares se referem a Ana. A inquietude aliada à paixão pelo que faz. “A Ana é uma pessoa que partilha as ideias, sim. E inquieta-se. É aquela inquietude que eu acho que lhe é muito característica: ‘E agora vamos fazer o quê?’ ‘Vamos fazer como? Já tentei isto e não consegui’” (ECoordenadora Departamento).

É então com enorme paixão que luta pelo que é necessário. E os projetos são necessários. Projetos com os quais concorreu ao “Escola Alerta!”, muitas vezes com o apoio da Câmara Municipal de Portel: o projeto de acessibilidade para a Sara, com o qual a escola ganhou um prémio distrital; o projeto para que o Rui participasse nas férias desportivas (1.º lugar nacional); outro de aquisição de ajudas técnicas para que os balneários da piscina municipal se tornassem espaços mais seguros para todos (2.º lugar nacional); e outro de colocação de baloiços adaptados num dos jardins públicos, para dar a todas as crianças igual oportunidade de usufruto de espaços de lazer na sua comunidade (3.º lugar nacional).

Nas palavras de uma encarregada de educação, sobressai este encarar das dificuldades para as vencer, sempre com o primado do interesse dos alunos. Conta que Ana, ao contrário de outras professoras que têm trabalhado com o Gil, queria sempre que ele acompanhasse a turma – “a professora Ana dizia: ‘Não senhora, o menino vai. A turma vai, o seu filho vai também. Então não vai porquê?’ E lá me dava a volta” (EEncarregada de Educação2). E a mãe refere os inúmeros eventos em que o Gil participou, sempre acompanhado pela professora, por uma assistente operacional e pela turma: nos programas de ocupação durante as pausas escolares, na visita ao palácio D. Manuel, na ida à feira de S. João. Outras mães referem a participação no espetáculo da escola, onde a professora dançou para possibilitar que todos dançassem, o acompanhar os alunos às aulas de Educação Física, para

que nela participem, apesar das limitações. Sobre a ida à Feira de S. João, a encarregada de educação do Gil, narra o episódio, exemplo da sua persistência:

Naquele ano, a escola levou os miúdos até ali, à Feira de S. João. O meu não foi. Na altura os carrinhos estavam em pleno funcionamento e por causa do barulho... O Gil não gosta de barulho. Ele não foi naquele dia, foi no outro. Um dia, que eu estava aqui com ele, aquilo estava tudo parado, a professora foi com o Gil. Andou a pedir aos senhores se o podia lá sentar. Sentou-o naquela coisa da selva, na parte da chávena, aquilo não estava a funcionar, mas levou-o ali, para ele ver aquilo, sentou-o lá, sentou-o num carrinho de choque, para ele ver. Ele todo contente, ele todo sorrindo. Pronto, é este tipo de coisas que, normalmente, nenhuma professora faz, que eu note. (EEncarregada de Educação2)

Considerar que nunca estão terminadas as hipóteses, pesquisar sempre, tornar os desafios aliciantes e valorizar o lado humano são iniciativas intrínsecas ao trabalho de Ana. Talvez tenha a ver com o seu feitio, com a sua experiência, com a passagem por um agrupamento que lhe permitiu proximidade com os outros, com todos os que faziam parte de uma comunidade escolar. Talvez tenha a ver com uma série de características e vivências entrelaçadas. Deve-se decerto à sua capacidade incondicional de entrega.

Quando as dificuldades são desafios

Transformar as dificuldades em desafios, com uma perspetiva de descoberta e com o foco nas oportunidades que daí advêm, é a forma de estar da professora Ana. Com resiliência, ambiciona transformar a desilusão em ação, agir para atingir determinados objetivos, ensinar e aprender construindo uma força interior que passa aos outros.

Parte sempre da questão: como podem os alunos chegar lá, terem um mundo e um futuro melhores, conseguir as aprendizagens que considera necessárias, exequíveis e satisfatórias? Tem como desígnio chegar até aos alunos, cativá-los, os que apoia e os outros elementos da turma – “se não soubermos do que eles gostam, não os conseguimos cativar” (E1). E cativar os alunos passa por envolvê-los, levá-los a participar em todas as atividades, garantir-lhes o seu lugar. Faz questão de isso acontecer.

A professora sempre fez questão de quando havia visitas de estudo, coisas fora da sala de aula, fosse para ir ao parque, fosse só para ir ali 10 metros fora da sala de aula... a Marta ia sempre, fosse com ela, fosse com a outra professora, connosco, fosse com quem fosse, a Marta ia sempre, porque ela defendia que a Marta tinha de ter as mesmas experiências que nós para poder também ter uma evolução. (EEx-aluna)

As dificuldades de transporte, de assistência, em casos mais graves, da criação de condições para que os alunos participem são mesmo fatores que a desafiam, porque isso é importante, porque lhes dá alegria, porque os faz desenvolverem-se, evoluírem, serem mais felizes. E é esta convicção que faz com que Ana persista e insista. Para ela, as dificuldades são sempre desafios a superar. E sozinha muito pouco consegue fazer, por isso conta com todos. Porém, a colaboração nem sempre é fácil. A diferenciação pedagógica exige que se saiba antecipadamente que atividades se vão desenvolver. Ana lembra os 2.º e 3.º CEB, onde também já lecionou. Aqui, com níveis que trazem mais dificuldades para a articulação com os professores, tem lugar o imprevisto. São diversas disciplinas; nem todos os colegas colaboram. No 1.º CEB, a proximidade é maior. Noutros, em inúmeros casos, o trabalho colaborativo impera: “Nós falamos de tudo sobre o aluno. De tudo. Ela tem conhecimento dos problemas familiares, das dificuldades, da nossa planificação semanal, da nossa planificação diária. Depois há sempre ajustes. Esses ajustes são transmitidos. É uma adaptação diária” (EP1). Também,

quando tem uma ideia chega-se ao pé de mim e diz: “Olha, e se nós fizéssemos isto e aquilo?” É muito motivada. “Olha, amanhã vamos fazer este trabalho, o que dizes?” “Olha, concordo. Vamos, vamos para a frente.” E ela com muito ritmo e energia. E passa-nos isso. E manda mensagens para não esquecermos. É muito competente, eu acho. (EP3)

Além disso, quase em situação de codocência em sala de aula, vai de carteira em carteira, auxiliando os alunos, em interação com a professora titular, para que todos participem na dinâmica da aula. A adaptação de recursos permite que os alunos se sintam incluídos. Trabalha-se ao nível dos materiais, das práticas pedagógicas, da avaliação, sempre com empenhamento para que os alunos, paulatinamente, evoluam para outros patamares. Ana conta como trabalhou e adaptou materiais e práticas para apoiar o Gil:

tinha de arranjar materiais diversificados, uma vez que ele não focava, ele não olhava. O olhar dele andava sempre... assim pelo ar. Ouvia, mas não olhava, mesmo as coisas no computador. (...) Por exemplo, na Matemática, o 1 é uma coisa muito abstrata para um aluno com as limitações que ele tem. Então, o que é que eu podia fazer? Tinha muitos recursos que têm a ver com materiais tácteis e, então, era com base nisso, no sentido de mexer no tecido, sentir, tentar ao máximo que ele entendesse, de mil formas possíveis e imaginárias. Através daqueles fantoches de dedo, através de uma série de materiais que inventava e comprava. (...) Passava-lhe muitos materiais para a mão, no sentido de ele perceber um, dois e depois dava-lhe o 2 que era para ele distinguir, 1, 2, 1, 2... (E2)

Dar a volta, podia quase ser o seu lema. Ana, quando prepara materiais específicos, quando procura como fazer e com que fazer, quer arranjar formas de fazer com que os alunos participem e evoluam. “É daquelas pessoas do departamento que têm sempre a necessidade de pensar como é que eu vou dar a volta a isto, de maneira que aquele miúdo participe e que aprenda?” (ECoordenadora Departamento).

“É daquelas pessoas do departamento que têm sempre a necessidade de pensar como é que eu vou dar a volta a isto, de maneira que aquele miúdo participe e que aprenda?” (ECoordenadora Departamento)

Vem à colação o projeto da criação de um jardim sensorial, na EB do Rossio, para que o Gil e as outras crianças sentissem o meio exterior. Mobilizou os alunos para a sua concretização e contribuiu para eliminar barreiras, promovendo uma escola não discriminatória, onde todos devem ter as mesmas oportunidades. Somam-se outras atividades, por exemplo, as participações no Dia Nacional das Acessibilidades, da Fundação Salvador, que promove ações de sensibilização nas escolas. Para o Dia Internacional da Deficiência, entre outras, Ana dinamizou uma atividade que deu origem à criação dos cartazes ilustrativos da riqueza e diversidade dos olhares quer das crianças da escola, quer dos adultos com quem convivem diariamente.

O envolvimento das famílias nas atividades é outro aspeto fundamental que tem vindo a ser realçado. Ana conhece todos pelo nome, tem o contacto de todos os encarregados de educação e, em qualquer momento, não se inibe de os contactar para fazer uma pergunta, dar uma sugestão ou esclarecer uma dúvida. Para além dos *trabalhos de casa* destinados a dar continuidade às atividades dos alunos, o contacto com as famílias é direto e contínuo. E perceptível pela comunidade: “Quando os pais lá vão, a Ana já os conhece, já esteve com eles, já falou com eles, já há ali uma relação estabelecida (...) já houve contacto, já houve conversas”, pelo que, “quando as pessoas chegam à reunião de equipa para a elaboração do relatório técnico-pedagógico percebe-se que a Ana já fez um trabalho...” (ECoordenadora EMAEI).

Uma assistente operacional refere a constante preocupação com a informação para os pais, outra fala-nos dos cuidados com a medicação das crianças, principalmente quando há mudanças na prescrição ou nova medicação que podem alterar o seu comportamento – se os pais não se esquecem, se está a resultar, se é a mudança mais conveniente, como estão a reagir –; aspetos que preocupam a professora.

Ana investe em adaptações curriculares, adapta recursos, textos dos manuais, porque são extensos ou demasiado complicados e constrói outros. Por exemplo, trabalha texturas e sons, cria objetos, luta pelos recursos humanos que têm mais perfil para os apoiar. É paradigmático o caso de ter conseguido que o Gil fosse para a escola dos 2.º e 3.º CEB, acompanhado por uma assistente operacional. Este aspeto é referido como muito importante quando os alunos com determinado quadro de deficiência criam empatia e confiança com determinadas pessoas que se tornam figuras de referência. Para a mãe, esta situação foi determinante para a consolidação das conquistas do filho.

À questão de como faz quando falta algum recurso, responde prontamente: “luto por ele” (E2) e continua: “e quando não há recursos vou buscar, vou ao Centro de Recursos de Tecnologias de Informação e Comunicação, vou ao Centro de Apoio à Aprendizagem da Escola Básica André de Resende buscar aquilo que é necessário, recursos materiais para determinados miúdos”. Acrescenta, referindo-se aos alunos que apoia atualmente, que eles não precisam de recursos especializados. Precisam apenas que esteja presente e que os incentive. “Já passaram pelo processo inicial da aprendizagem estruturante da vida deles, que é o ler e o escrever. E agora é acompanhar o ritmo da turma, com algum suporte da minha parte e da própria professora” (E2).

“e quando não há recursos vou buscar” (E2)

Para Ana a comunicação é a aprendizagem fundamental. Por isso, quando possível, a leitura e a escrita são consideradas essenciais, como referido. Trata-se de um aspeto nada fácil, numa sociedade em que os alunos estão habituados ao imediato, à recompensa imediata, aos ecrãs. Aprender a ler e a escrever, “a arma para a vida” (E2), é algo muito difícil, ainda mais para crianças especiais. Apesar desta convicção, não descarta outros domínios em que os alunos possam ter dificuldades. “O Sérgio tem dificuldades a Matemática e ela está sempre a incentivá-lo” (EEncarregada de Educação1), diz-nos uma mãe, que refere também a melhoria a Português, desde que o aluno é acompanhado pela professora.

Nesta e noutras dinâmicas das suas práticas pedagógicas, a estreita colaboração entre a família e a escola é condição para um progresso maior e mais rápido e para que as crianças com maiores dificuldades não regridam. Os desafios têm de ser permanentes e de todos. Assim, incita os pais a trabalhar com eles, alargando metodologias usadas na escola ao contexto das casas dos alunos, articulando com eles a descoberta de novos materiais e a compra de objetos essenciais que já não consegue adquirir.

“Eu acho que nós temos de reinventar” (E2)

As dificuldades conduzem igualmente à pesquisa, ao conhecimento, à formação e à aplicação de novas formas de adaptar, projetar, construir. Para os pares, a professora é inovadora, na medida em que se envolve e partilha projetos que empreende. A dinâmica e a proatividade são características que as colegas e a coordenadora de estabelecimento lhe atribuem, por isso a caracterizam como inovadora. O seu trabalho revela a sua abertura a novos desafios, a sua capacidade de (re)adaptação, de recriação (quase invenção) de materiais e suportes, com ou sem a ajuda das tecnologias de informação. “Eu acho que nós temos de reinventar” (E2).

Quando carregar num botão é sucesso

O sucesso dos alunos com medidas de suporte à aprendizagem, dos alunos com Relatório Técnico-Pedagógico, dos alunos com necessidades especiais de saúde, que, por vezes, não conseguem focar, ouvir, falar... não é fácil de medir. A medida e a notação escalonada, que servem de padrão, dificilmente se aplicam a muitas destas crianças e jovens. Assim, torna-se necessário encontrar outros processos que permitam reconhecer e valorizar a singularidade de cada aluno, de acordo com as adaptações encetadas e as ferramentas utilizadas. Numa comparação

ipsativa, centram-se no progresso e nas potencialidades individuais, ultrapassando as dificuldades inerentes à classificação e à comparação normativa para avaliar a evolução destas crianças e jovens.

As múltiplas abordagens que visam garantir o acesso ao conhecimento e à aquisição de aprendizagens têm de estar mais focadas nos processos utilizados, valorizando a trajetória individual, a evolução e o desenvolvimento das crianças e dos jovens. O que importa, na educação inclusiva, e a professora Ana sabe-o bem, são as capacidades de cada um, o fortalecimento da autoestima e do bem-estar, o progresso, as formas diferentes de aprendizagem e as conquistas reveladas. Os critérios devem ser flexíveis e variáveis, de acordo com as adaptações curriculares, pedagógicas e avaliativas que se revelarem necessárias.

Em muitos casos, o que importa é o avanço dos alunos relativamente a aspetos muito simples, mas que, para as próprias crianças, são determinantes. Fica-nos na memória o caso de uma menina que chegou ao 4.º ano de escolaridade com o estigma de não conseguir aprender. Ana refere a tristeza da mãe e o sucesso após ter conseguido pôr a aluna a ler e a escrever. É com orgulho que informa que a aluna em causa completou o 12.º ano num curso profissional e que se tornou auxiliar num jardim de infância. Outro exemplo que refere do sucesso de um aluno é o caso do menino que lhe chegou, quando lecionava no 2.º CEB, com três retenções no 2.º ano. Conseguiu pô-lo a ler, acompanhou-o até ao 12.º ano e atualmente é bombeiro. Na sequência destes e de outros casos conclui: “são histórias que me deixam muito feliz.” (E2) e acrescenta “tenho muitas histórias de miúdos que fizeram os seus percursos e que conseguiram” (E2).

Ler e escrever autonomamente é para Ana um sinónimo de sucesso, abre-se a possibilidade da decifração, da compreensão, da construção na Matemática, no Estudo do Meio, em todas as matérias, o que corrobora a sua convicção de que este é o pilar de tudo.

Sobre o sucesso do trabalho desta professora, a coordenadora da EMAEI deixa o comentário: “muitos alunos, por exemplo, têm dificuldades na aquisição dos mecanismos da leitura e da escrita. A Ana, com o trabalho dela, consegue que eles os dominem, para poderem aceder às outras aprendizagens” (ECoordenadora EMAEI). Também a coordenadora de estabelecimento, referindo-se aos alunos apoiados, acrescenta: “Não é à toa que muitos deles, quando começam a trabalhar com a Ana, mais tarde, começa-se a perceber que fizeram evoluções significativas” (ECoordenadora Estabelecimento).

Ana tem consciência da importância de comunicar com os alunos, e de os pôr a comunicar com ela, para que possam aprender. Muitos dos alunos que tem acompanhado ao longo do seu percurso profissional apresentam limitações severas, têm ritmos próprios e os percursos a traçar têm de ser adaptados.

Para alunos com dificuldades significativas na linguagem oral recorre à comunicação aumentativa ou alternativa, utilizando estratégias, métodos e recursos, que apoiam ou substituem a fala. Símbolos, gestos, imagens, dispositivos eletrónicos fazem parte do quotidiano e sempre com o objetivo de desenvolver a autonomia, incluir os alunos socialmente, garantir o seu bem-estar. Possibilitar que comuniquem é, em muitos casos, o sucesso: “acho que sou muito criativa, nos casos de alunos com limitações significativas, improviso muito para que eles participem nos contextos educativos, porque eu tento sempre, ao máximo, que eles participem, de acordo com aquilo que conseguem fazer” (E2).

Fala de improviso, mas, na realidade, trata-se de uma investigação constante na procura de estratégias, de consecutivas adaptações curriculares, de um trabalho consistente e de enorme compromisso. Os seus pares confirmam-no, as mães de antigos e atuais alunos mostram-se seguras e confiantes nesse trabalho e nos seus resultados.

A comunicação é fundamental, em múltiplos aspetos: para desfraldar alunos que, apesar da sensibilidade física não conseguem manifestar-se, para intervir ao nível do comportamento, do estar socialmente, da compreensão de algumas regras básicas ou para a aquisição de aprendizagens determinantes na relação com o mundo e com os outros.

Ana refere o caso da Marta, que a impressionou. No início, perante alguma contrariedade, a aluna tinha comportamentos de se atirar para trás e de bater com os objetos na mesa, ou seja, revelava alguns comportamentos disruptivos. Na sua perspetiva, o contexto de sala de aula fez com que a Marta se fosse desenvolvendo e aprendesse a estar socialmente. Ana foi com a Marta e a mãe a um congresso sobre a síndrome de Angelman, condição que afeta a aluna. E foi com imenso orgulho que referiram o seu comportamento exemplar, diferente do que as outras crianças presentes evidenciaram. A mãe da Marta menciona as conquistas encetadas:

A professora conseguiu que ela comunique, mas de forma não verbal. Percebe-se quando ela está feliz, quando quer as coisas. Ensinou-a a pedir algumas coisas. Desenvolveu muito com ela a linguagem não verbal. A primeira conquista é essa. Segunda conquista: a minha filha é uma criança que vai ao cinema, que vai a festas, que vai ao café, que vai no autocarro, que vai a passeios... Essa parte também foi muito importante, a parte da socialização. (EEncarregado de Educação4)

A mãe continua a enumerar como grandes conquistas da Marta através da frequência da escola e do apoio desta professora de educação especial, a capacidade de pedir para ir à casa de banho, o desenvolvimento do andar, da marcha, tendo em conta as suas dificuldades de mobilidade. Menciona ainda, de uma forma mais abrangente, a evolução da sua autonomia, concluindo: “as suas conquistas devem-se às pessoas que caminham connosco de mão dada. Foi um trabalho de todos, não só de um, claro, motivados pela professora Ana, porque transmitia aos colegas o que era importante ser desenvolvido” (EEncarregado de Educação4).

As conquistas multiplicam-se, em pequenos passos, específicos, sempre contextualizados, não esquecendo que, mesmo com adaptações, com diferenças, com especificidades, todos estão na escola para aprender. O foco é sempre a aprendizagem. É assim que a professora concebe a escola:

se eles estão em Matemática eu não vou para lá com os alunos fazer outra coisa qualquer. Aquelas coisas antigas que se faziam não resultam, outras atividades, entretê-los, fazer bolinhos e comidinhas e aprender a coser, colar... Se eles estão na escola é para aprender, como os outros, dentro das possibilidades que têm. (E2)

Com o Gil, o menino que motivou o projeto do jardim sensorial, para quem se conseguiu que continuasse com o apoio da assistente operacional que sempre o acompanhara, o percurso também trouxe benefícios:

O aluno não tinha a função causa-efeito, essencial para que eles depois possam ter uma comunicação aumentativa ou alternativa. E trabalhámos muito isso, no sentido de ele, através do toque, poder acionar mecanismos para obter uma resposta. E foi um trabalho feito através do computador, com música. Ensinei-lhe a acionar a música. Dizia-lhe: “Ai parou?” Ele acionava um mecanismo para recomeçar e continuar a ouvir. (...) Então ele carregava outra vez para continuar a música e foi assim que trabalhámos muito a causa efeito. (...) Ele gostava. Não gostava de sons fortes. (...) Depois, tinha aqueles quadros interativos, ou seja, eu ia pesquisar, ia procurar e fazia com que ele, o máximo possível, pudesse colaborar, comecei a projetar uns slides que paravam a música. Para continuar a ouvir tinha de carregar no botão... (E1)

Desenvolver a função causa-efeito foi importantíssimo para o acompanhamento terapêutico do aluno. As terapeutas necessitavam que ele acionasse determinados mecanismos para resposta a um determinado estímulo e, por trabalhar

estas situações com a Ana, o aluno passou a conseguir. Do mesmo modo que a Marta aprendeu a carregar no botão adequado do dispositivo que tinha ao pescoço para expressar vontades básicas. Estes gestos intencionais constituem-se como sucessos gigantes para as suas vidas e para as vidas das famílias.

Estas e outras histórias de aprendizagem indicam que Ana é uma professora muito dedicada, com uma forte identidade profissional, que tem clara noção da importância do conhecimento, da pedagogia e do bem-estar psicológico e afetivo das suas crianças. É, sem dúvida, uma profissional inconformada e inquieta e, por isso, não sossega enquanto não estão criadas reais oportunidades para que as suas crianças possam aprender a estar, a ser e a conhecer. É uma exímia profissional, de rara sensibilidade e de invulgar dedicação às causas de ensinar e de cuidar. Defende a inclusão como fonte de aprendizagens, plasmadas, muitas vezes em pequenas grandes conquistas, carregadas de importância na vida das crianças e dos jovens. Quando nos fala de sucesso, Ana refere o percurso e a evolução, o riso das crianças e a sua pertença à escola, o que é desejável e o que é (sempre) possível. Não hesita no contentamento face às conquistas e à inclusão dos alunos. Valoriza também as aprendizagens que todos os outros meninos fazem ao partilhar o quotidiano escolar com os alunos que são especiais. Não há escala classificativa onde estes sucessos consigam caber!

Ser professor é ser especial

Para se ser professor especial não é necessário partir de uma vocação de criança. A professora Ana é a prova disso. Seguindo um percurso fluído, no enalce das emoções, sem planeamento a longo prazo, mas com procura e determinação, consolida-se uma vocação especial, de *coração com todos*. Ana seria diferente se não tivesse crescido com os seus alunos, feito parte da comunidade de Portel e vindo da família que a criou.

Com empatia e humanismo, Ana rentabiliza vivências de incidentes críticos no cumprimento do direito que cada aluno tem a ser pessoa, a progredir ao ritmo dos seus pequenos passos. Os alunos, são, pois, colocados no centro das suas intencionalidades: nos projetos, nos apoios, na sala de aula, na vida. Nestes casos, conseguir carregar no botão é excelente. É através de abordagens, necessariamente flexíveis e personalizadas, que Ana dá conta da forma inovadora como trabalha. Adiciona-se-lhe o modo como envolve e motiva os alunos, como concebe as situações de aprendizagem. Com a intenção de remover barreiras, maximiza as oportunidades de aprendizagem de todos.

As práticas de uma *verdadeira* educação inclusiva são o substrato das intervenções observadas. Ana prepara-se proativa, antecipada e intencionalmente. Com todos, inteira-se e conhece, investiga e adapta, pede e compra, constrói materiais e ideias, os que melhor se adequam a cada questão que tem de resolver. Implica e motiva a comunidade porque a inclusão só é possível com a participação de todos nós. A turma é convidada a tomar a perspetiva do outro, a viver com todos, mesmo na piscina, na dança, na feira. Todos estes podem ser ambientes inclusivos de aprendizagem. A inclusão é uma questão de cidadania, é uma forma de todos aprenderem cidadania, de desmistificar estereótipos e preconceitos, em particular quando liderada pelo seu agente privilegiado, o professor. A riqueza advém da diversidade de crianças, por proporcionar aprendizagens com os que são diferentes; os que têm mais dificuldades podem, por sua vez, reduzi-las por modelagem.

Construir vivências baseadas em princípios de inclusão, sempre de mãos dadas e alegria no semblante, é ser assim especial.

